

**BRØNDSTED, Johannes. *Os Vikings: História de uma fascinante civilização*.  
Reedição. São Paulo: Editora Hemus, 2004.**

Johnni Langer<sup>i</sup>

**Palavras-Chave:** História dos Vikings; Cultura escandinava; Religião nórdica.

**Key-Words:** History of the Vikings; Scandinavian culture; Nordic religion.

A Idade Média está cada vez mais sendo redescoberta em nosso país. Dezenas de publicações, eventos e pesquisas garantem a continuidade deste interesse. Os estudos sobre Escandinávia Medieval estão ganhando cada vez mais espaço entre os novos projetos de pesquisa, que vão da iniciação científica ao mestrado em História. Em especial, a recente reedição de um manual clássico, *Os Vikings*, do arqueólogo dinamarquês Johannes Brøndsted, garante a continuidade de uma importante referência bibliográfica sobre a temática. Escrito originalmente em 1959, o manual ainda possui valiosas contribuições informativas para os iniciantes nesta área, apesar de alguns aspectos desatualizados e questionáveis ao longo do texto.

O livro foi dividido basicamente em três partes, a primeira concedendo uma síntese do processo e formação histórica dos povos escandinavos durante a Era Viking (séculos VIII ao XI d.C.); a segunda elementos do cotidiano e cultura material; a terceira aspectos básicos da religião e mitologia nórdica, além da arte e da literatura.

Na primeira parte (capítulos I a V), Brøndsted examina especialmente a questão da origem e as causas do processo de expansão dos Vikings pela Europa – um tema muito debatido durante os anos 1950 e 1960, mas que atualmente já encontra certa interpretação unânime.<sup>ii</sup> O processo de formação e consolidação dos reinos escandinavos é particularmente vislumbrado pelo autor respeitando as variações regionais e políticas do mundo nórdico, sempre confrontando dados históricos de documentos medievais com fontes arqueológicas disponíveis até o final da década de 1950.<sup>iii</sup> A colonização do Atlântico Norte também é analisada pelo autor, mas não deixa de ser curioso o fato de que a principal evidência da presença nórdica na América do

Norte – o sítio canadense de L'Anse Aux Meadows, só foi descoberto em 1964, depois da obra ter sido publicada originalmente.<sup>iv</sup>

A segunda parte (capítulos VI a XI), que trata da cultura material e cotidiano escandinavo, é o ponto forte da obra, visto a formação arqueológica do autor. Detalhes de armamentos, ferramentas, vestuário, transportes, habitações e sepulturas são muito bem descritos, concedendo ao leitor uma grande aproximação com a vida diária dos Vikings, desmistificando muitos estereótipos a respeito dos intrépidos guerreiros, como as imagens de bárbaros selvagens e primitivos.<sup>v</sup>

A última parte (capítulos XII a XV) envolve estudos de literatura, arte e religião Viking. Um dos trechos mais interessantes é a razoável tradução de certos trechos da narrativa de viagens do árabe Ibn Fadlan, que originou o romance *Devoradores de mortos*, de Michael Crichton e o popular filme de aventuras *O 13º guerreiro*. O momento mais famoso do relato, a descrição de um funeral de chefe Viking na região do Volga, foi totalmente inserido no livro.

Mas, é justamente nesta parte que a obra de Brøndsted revela-se mais limitada e datada. Ao contrário de muitos arqueólogos atuais especializados na Vikingologia, sensíveis a análises das antigas religiões pré-cristãs (como Raymond Ian Page e James Graham-Campbell), o autor comete anacronismos em muitos momentos: “os povos germânicos eram culturalmente inferiores àqueles que tinham conquistado, estando, portanto, aptos para adotar sua civilização” (p. 12); “A fé pagã deve ter sido fraca” (p. 239); “aquelas crenças seriam suplantadas pela claridade da fé cristã. Uma religião que oferece ao homem comum conceitos vagos e contraditórios do que ele encontrará depois da vida não é uma religião potente e este é o caso de toda fé politeísta” (p. 274). Percebe-se que a crença individual do autor prevalece sobre a sua análise na temática, um problema que ainda não desapareceu nos estudos acadêmicos até nossos dias.<sup>vi</sup>

Também um conhecimento pouco profundo em teoria do mito e história das religiões escandinavas acabou prevalecendo em todo o livro: “relacionar Odin com os conselhos triviais dados no Hávamál somente poder ser considerado como uma idéia de parte de algum editor posterior. Odin era o menos trivial dos deuses” (p. 232). O *Hávamál*, parte integrante do *Edda Maior*, é uma das mais importantes fontes para o

estudo das concepções religiosas dos nórdicos e foi composta essencialmente para a elite guerreira e real da Escandinávia Viking. Portanto, a inclusão da presença cotidiana do deus Odin reflete diretamente a concepção deste deus como soberano da vida dos homens.<sup>vii</sup> A respeito do poema *Völuspá*, também integrante do *Edda Maior*, o autor afirma: “Embora o cristianismo não seja mencionado, este conto implica a emergência de uma nova fé triunfante para uma humanidade recriada” (p. 249). Apesar de muitos especialistas considerarem a interferência de um referencial cristão nas fontes escandinavas redigidas durante os séculos X ao XIV, não podemos afirmar que a escatologia central do poema seja de origem cristã, mas de um passado eminentemente pagão.<sup>viii</sup> Já com respeito ao deus Loki: “não é uma figura tão antiga quanto Odin, Thor e Ty, e de maneira alguma tão antigo quanto os Vanir. Na verdade, ele não é um deus no sentido de ser uma figura a quem os homens são compelidos a adorar. Ele é mais um produto da especulação mitológica” (p. 256). Apesar de não receber cultos organizados, Loki era uma divindade extremamente importante para a mentalidade escandinava e suas raízes míticas são muito antigas.<sup>ix</sup> Os equívocos no livro de Brøndsted também envolvem simbolismos religiosos: “Uma pedra rúnica dinamarquesa está entalhada com vários símbolos cristãos – suástica, a roda do sol e o tricórnio” (p. 189). Na realidade, estes três símbolos são estruturas iconográficas totalmente paganistas, que nem ao menos foram preservadas com o processo de cristianização da Escandinávia.<sup>x</sup> “A palavra berserk é derivada de ‘bare sark’, ‘sem camisa’, isto é, sem armadura” (p. 101). Este erro etimológico (a tradução correta da palavra *berserkr* é ‘camisa de urso’) na realidade teve início com Snorri Sturluson ainda no século XIII, mas já foi corrigido por muitos especialistas contemporâneos.<sup>xi</sup>

Em conclusão, podemos considerar o clássico *Os Vikings* de Johannes Brøndsted um importante manual introdutório para os estudantes de Idade Média e História em geral, mas que deve ser lido com restrição em seus aspectos mítico-religiosos. O nosso país ainda carece de traduções sobre estudos acadêmicos consistentes tratando do processo de formação histórica da escandinávia e do paganismo nórdico.

<sup>i</sup> Doutor em História – Professor da UNICS, PR e UNC, SC. Coordenador do NDPH (Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica, UNICS), Membro do grupo *Brathair* de Estudos Celtas e Germânicos, ABREM (Associação Brasileira de Estudos Medievais) e GIMI (Grupo Interdisciplinar de Mitologia e Imaginário). Editor do Boletim *Notícias Asgardianas* (ISSN: 1679-9313). **E-mail:** [johnnilanger@yahoo.com.br](mailto:johnnilanger@yahoo.com.br)

<sup>ii</sup> Para o historiador britânico Peter Sawyer, as motivações seriam essencialmente econômicas. Assim, o fator chave teria sido a pirataria atrelada à expansão comercial do noroeste europeu. Esta última, aliás, teve início bem antes da primeira incursão de saque documentada dos Vikings (793 d.C.). Com isso, o caminho para a expansão nórdica teria sido estruturado pelo desenvolvimento das rotas comerciais do Báltico com o Leste/Norte Europeu. SAWYER, Peter. *The Age of the Vikings and before*. In: \_\_\_\_\_ (ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 1-18. A mesma perspectiva pode ser encontrada em GRAHAM-CAMPBELL, James (org.). *The Viking World*. London: Frances Lincoln Limited, 2001, p. 17-18.

<sup>iii</sup> Depois de publicado este livro de Johannes Brøndsted, surgiram obras mais completas e sistemáticas sobre a História dos Vikings, como *A History of the Vikings*, de Gwyn Jones (original de 1968, com reedições atualizadas de 1984 e 2001), *Les Vikings: Histoire et civilisation*, de Régis Boyer (1982).

<sup>iv</sup> Brøndsted antecipou até o método que o sítio canadense seria descoberto: “levantamento aerofotogramétrico feito por aviões de baixa altitude e baixa velocidade” (p. 94). Realmente, o arqueólogo norueguês Helge Ingstad descobriu o sítio utilizando inicialmente aviões e cartas náuticas. INGSTAD, Helge. Vinland ruins prove Vikings found the New World: discovery of spinning tool confirms Norse settlement Newfoundland. *National Geographic Magazine*, nov. 1964, p. 708-734.

<sup>v</sup> Um vikingólogo contemporâneo que também utiliza o estudo da cultura material como pressuposto para a desconstrução de estereótipos e fantasias sobre os nórdicos é o historiador francês Régis Boyer no livro *Le vie quotidienne des Vikings (800-1050)*. Paris: Hachette, 1992. A respeito dos principais estereótipos sobre os Vikings consultar: LANGER, Johnni. *Rêver son passé*. In: GLOT, Claudine & BRIS, Michel (org.). *L'Europe des Vikings*. Paris: Éditions Hoëbeke, 2004; The origins of the imaginary Viking. *Viking Heritage Magazine*, University of Gotland/Centre for Baltic Studies. Visby (Sweden), n. 4, 2002; Fúria odínica: a criação da imagem oitocentista sobre os Vikings. *Varia Historia*, UFMG, n. 25, julho 2001; A origem do imaginário sobre os Vikings. *Espaço Plural: caderno de ciências, filosofias e artes*. Cepedal/Unioeste, ano III, n. 8, agosto 2001; Os Vikings e o estereótipo dos bárbaros no ensino de História. *História e Ensino*, Londrina, UEL, v. 8, outubro 2002.

<sup>vi</sup> Sobre a questão da “militância religiosa na academia” ver: CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista: o Paganismo na Europa Setentrional. *Revista Brathair de Estudos Celtas e Germânicos*, n. 2, 2004. [www.brathair.cjb.net](http://www.brathair.cjb.net)

<sup>vii</sup> A respeito das idéias e do culto a Odin entre os Vikings consultar: LANGER, Johnni. Morte, renascimento e sacrifício: uma interpretação iconográfica da estela Viking de Hammar I. *Revista Mirabilia* n. 3, 2003. [www.revistamirabilia.com.br](http://www.revistamirabilia.com.br) LANGER, Johnni. Guerreiras de Óðinn: as Valkyrjor na mitologia Viking. *Revista Brathair de Estudos Celtas e Germânicos*, n. 1, 2004. [www.brathair.cjb.net](http://www.brathair.cjb.net)

<sup>viii</sup> Sobre o assunto consultar os debates de: BOYER, Régis. *Yggdrasill: La religion des anciens scandinaves*. Paris: Payot, 1981, p. 185, 212-221; DUBOIS, Thomas. *Nordic religions in the Viking Age*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1999, p. 134-137.

<sup>ix</sup> O melhor estudo sobre esta divindade ainda é o livro *Loki*, de Georges Dumézil. Paris: Maisonneuve, 1948. Reeditado pela Flammarion em 1986.

<sup>x</sup> A relação entre símbolos paganstas, inscrições rúnicas e o processo de evangelização cristã foi recentemente aprofundada em: SAWYER, Birgit. *The Viking-Age Rune-Stones: custom and commemoration in Early Medieval Scandinavia*. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 125-154.

<sup>xi</sup> Conforme BOYER, Régis. *Berserkr*. In: \_\_\_\_\_ *Héros et dieux du Nord: guide iconographique*. Paris: Flammarion, 1997, p. 27 (Este livro foi resenhado na *Revista História Hoje* vol. 1, n. 1, 2003. [www.anpuh.uepg.br/historia-hoje](http://www.anpuh.uepg.br/historia-hoje)).